

A REDE HOTELEIRA NO NÚCLEO URBANO CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS (SC): EXPANSÃO URBANA E TURISMO¹

Autoras:

Profa. Fabíola Martins dos Santos²

Profa. Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira³

Resumo

Este texto apresenta algumas reflexões acerca da expansão urbana e turística da cidade de Florianópolis, buscando apreender suas implicações sobre o desenvolvimento do setor hoteleiro situado em seu núcleo central a partir das iniciativas pioneiras e de sua ampliação na década de 1970. O trabalho parte do entendimento de que o espaço urbano é produto de relações sociais historicamente determinadas. A área de estudo abrange uma porção do espaço urbano da capital do estado de Santa Catarina, onde a organização espacial, fruto de diferentes períodos históricos, vem passando por um acelerado processo de transformação imposto pela expansão da própria cidade. O foco principal da pesquisa é o setor hoteleiro localizado no núcleo central, sua expansão e as transformações decorrentes do crescimento urbano e dos fluxos turísticos, abarcando as origens e as principais características do setor, bem como a sua relação com a evolução da cidade. A área de estudo compreende o espaço insular situado a oeste do Morro da Cruz de forma triangular, delimitado pelas baías Norte e Sul e pela Avenida Mauro Ramos, que tem em um dos seus vértices a Ponte Hercílio Luz. Florianópolis possui atualmente, segundo os dados do IBGE (2004), 369.102 habitantes e seu núcleo central abriga hoje cerca de 23 hotéis. Sua organização sócio-espacial sofreu transformações com o passar do tempo, que resultaram em alterações do próprio sítio urbano original e na incorporação de novos espaços. O atendimento das necessidades de um número crescente de pessoas (residentes e não residentes) estimulou a instalação de novos serviços urbanos com reflexos na configuração do espaço da cidade, particularmente do seu núcleo central. A operacionalização da pesquisa impôs a definição de um referencial teórico apropriado ao entendimento do processo de expansão da cidade e dos fluxos turísticos, de modo a favorecer a apreensão da totalidade dos elementos naturais e humanos definidores da realidade investigada. Assim sendo, as categorias de análise espacial propostas por Milton Santos – forma, função, estrutura e processo – foram aplicadas ao estudo das características do núcleo urbano de Florianópolis, interpretado como resultado da acumulação dos tempos sobre uma base natural. A análise dos processos locais de expansão urbana e turística, exigiu a sua articulação ao contexto regional e nacional, bem como a consulta também de outras obras capazes de oferecer elementos acerca da realidade investigada.

Palavras-chave:

Formação sócio-espacial; Desenvolvimento urbano e Turístico; Rede Hotelaria.

¹ Trabalho apresentado ao GT “Espaço urbano e turismo de fronteira” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Professora MSc do curso de Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI
fabiolams@terra.com.br.

³ Professora Dra. do Mestrado em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.
raquelfontes@brturbo.com.br

Introdução

O presente trabalho procura analisar o desenvolvimento do setor hoteleiro no núcleo central de Florianópolis, frente à expansão urbana e ao crescimento da atividade turística.

A área em estudo corresponde a uma porção do espaço urbano da capital do estado de Santa Catarina, onde a organização espacial, fruto de diferentes períodos históricos, tem passado por um acelerado processo de mudanças imposto pelo crescimento da própria cidade. Assim sendo, a investigação parte do entendimento de que o espaço é fruto da combinação de elementos naturais e humanos e de relações sociais historicamente determinadas, pois o processo de produção que é ao mesmo tempo histórico e social, imprime suas marcas sobre a materialidade.

O foco principal da pesquisa, é a evolução do setor hoteleiro localizado na área central, relacionando-o à expansão urbana da cidade e aos fluxos turísticos. A área de estudo compreende o espaço insular de forma triangular situado a oeste do Morro da Cruz, delimitado pelas baías Norte e Sul e pela Avenida Mauro Ramos que tem em um dos seus vértices a Ponte Hercílio Luz, aonde encontram-se atualmente 23 hotéis em funcionamento.

O referencial teórico utilizado fundamenta-se em categorias analíticas que permitem apreender a gênese e a evolução do núcleo urbano de Florianópolis inserido no contexto regional e nacional e, ao mesmo tempo, interpretar o desenvolvimento do setor hoteleiro diante da evolução urbana e do crescimento dos fluxos turísticos locais registrados nas últimas décadas.

Os marcos teóricos que sustentam a pesquisa apóiam-se nas contribuições de autores dedicados à análise da realidade sócio-espacial, nela incluída o fenômeno turístico. Na base da reflexão está o paradigma de formação sócio-espacial proposto por Milton Santos que favorece a realização de estudos de caráter globalizante, por considerar as “múltiplas determinações”, responsáveis por uma realidade concreta cujas especificidades têm explicações de ordem natural e humana.

Ao considerar as características físicas do espaço onde se originou a cidade e as relações sociais dominantes nos diferentes períodos da sua história, o paradigma de formação sócio-espacial propicia um enfoque multidisciplinar no qual o espaço geográfico e o tempo histórico despontam como aspectos essenciais para a apreensão de uma realidade em que as características naturais vão sendo modificadas para responder às exigências sociais, definidas por imposições locais, regionais, nacionais e/ ou internacionais.

A interpretação da realidade florianopolitana, aonde a expansão turística foi também promotora do desenvolvimento da atividade hoteleira, encontra suporte ainda nas reflexões de Milton Santos (1998) ao afirmar que “os elementos do espaço são determinados pelos homens, pelas firmas, pelas instituições, pelo suporte ecológico, e pelas infra-estruturas”. Assim sendo, a atividade turística e a

população residente se expressam em todos os elementos da oferta e da demanda, num movimento de ação e interação recíprocas.

A dinâmica do fenômeno turístico e seus reflexos sobre o espaço urbano podem ser captados através das categorias de forma, função, estrutura e processo, proposta metodológica que visa decompor e recompor a totalidade para interpretar o espaço geográfico (SANTOS, 1998). A abordagem do tema proposto exigiu o estudo da organização do espaço urbano florianopolitano, buscando apreender as funções desempenhadas pela cidade em diferentes épocas e resgatando um processo que culmina com as características apresentadas pelo setor hoteleiro na atualidade.

Gênese e evolução da cidade: breve histórico.

A estratégia da Coroa Portuguesa de povoamento do litoral Meridional da colônia luso-americana teve como ponto de partida a capitania de São Vicente de onde se irradiaram os excedentes populacionais que deram origem a três núcleos básicos do povoamento catarinense: São Francisco, Desterro (atual Florianópolis) e Laguna.

O litoral catarinense teve um papel fundamental na política expansionista de Portugal que visava garantir a posse da terra disputada com os espanhóis, utilizando os excedentes populacionais da capitania de São Vicente e tirando proveito dos recursos naturais disponíveis na região. O povoamento associava, pois, interesses geo-políticos e geo-econômicos (MAMIGONIAN, 1998) e, neste contexto, a ilha de Santa Catarina e o continente adjacente passaram a receber, em meados do século XVIII, um expressivo número de imigrantes açorianos, consolidando o modesto núcleo de Desterro, situado na ilha, em local para abastecimento de embarcações e rota obrigatória para atingir a bacia do rio da Prata.

Em 1738, com a criação da capitania da ilha de Santa Catarina, Desterro torna-se a capital político-administrativa, tendo sua forma urbana inicial passado por intervenções decorrentes da política de fortificação e edificações executada pelo Brigadeiro José da Silva Paes, o primeiro governador.

O espaço urbano de Desterro, que em 1894 passa a se chamar Florianópolis, estava, até o começo do século XX, limitado à área circunvizinha ao porto, expandindo-se posteriormente até o sopé das encostas dos morros situados nas proximidades (PELUSO JR., 1991). A cidade foi, pois, marcada originalmente pelas atividades portuárias e administrativas e, em consequência, o seu processo de urbanização foi, de início, ajustado às exigências destas funções.

Como ocorreu com outras cidades litorâneas, a presença do porto era estratégica para viabilizar a ligação por mar com outros portos da faixa costeira brasileira e com a própria metrópole lusitana, situação esta que dava às cidades portuárias um papel de destaque.

Também no caso da póvoa de Nossa Senhora do Desterro, o porto foi um elemento importante tanto na sua origem, como na evolução urbana até meados do século XX. A cidade possuía uma topografia acidentada, razão pela qual é compreensível que não tenha primado por um traçado urbano regular e geométrico. O delineamento das ruas obedeceu primeiramente à preocupação de ordem comercial. Por sua posição estratégica e condição de porto, Desterro tornou-se parada obrigatória para os viajantes que exploravam o litoral catarinense (PELUSO JR., 1991).

A cidade destacou-se em razão de sua posição geográfica privilegiada, localizada entre as duas principais cidades da costa atlântica: o Rio de Janeiro e Buenos Aires. Associadas também à função portuária, destacaram-se as funções comerciais e administrativas, as quais desempenharam papéis importantes na organização de serviços prestados à população local, bem como de estruturas criadas para atender aos viajantes. As relações comerciais estabelecidas com outras áreas possibilitaram o crescimento da produção e o aprimoramento técnico.

Dentre os principais produtos comercializados destacavam-se o óleo de baleia e o pescado seco, produtos na época exportados para outras regiões do Brasil e também para a Europa. Merece menção especial a farinha de mandioca produzida em quantidade na própria Desterro, bem como nos seus arredores, no continente, ocupando “durante todo o “século XIX posição de vanguarda frente aos demais produtos, no que se refere à exportação” (HÜBNER, 1981, p. 81).

A imigração européia na segunda metade de século XIX deu maior impulso às atividades comerciais ligadas ao porto, visto que o mesmo passou a centralizar a maior parte da exportação decorrente da pequena produção mercantil regional. Apesar das relações comerciais terem se intensificado, a estrutura urbana pouco se alterou nesse período. A economia crescia baseada na comercialização de produtos regionais para o mercado nacional, enriquecida na segunda metade do século XIX com a criação das novas colônias de imigrantes italianas e alemães em territórios da província de Santa Catarina que imprimiram um surto de progresso em que:

a praça de Florianópolis, relativamente boa, abasteceu estas crescentes populações durante a segunda metade do século, mas na medida em que o desenvolvimento das colônias atingiu novas etapas, tornando-se independentes, a capital não só perdeu freguesia como viu nascer novos concorrentes. (MAMIGONIAN, 1959)

Assim, no final do século XIX e início do século XX, a cidade de Florianópolis assume posições importantes como praça exportadora da produção regional e importadora de produtos provenientes de outras regiões do Brasil e da Europa, ocasião em que os comerciantes açorianos foram gradativamente substituídos por comerciantes de origem alemã. Dentre eles, merece destaque Carl Hoepcke, responsável pela construção do estaleiro Arataca (1895), da Fábrica de Pontas Rita Maria (1896), da Fábrica de Gelo (1897) e da Fábrica de Rendas e Bordados (1913). O empresário Carl

Hoepcke foi considerado o pioneiro da industrialização em Florianópolis contribuindo de maneira decisiva para o desenvolvimento comercial da cidade. Segundo aponta Bastos (2000), outros comerciantes (Wendhausen, Mayer, Born e Muller) promoveram uma modernização do porto e das relações mercantis com outros mercados, oferecendo uma variedade de artigos antes nunca comercializados. Percebe-se, pois, que o capital comercial florianopolitano foi aos poucos se concentrando nas mãos destes comerciantes descendentes de imigrantes europeus.

O porto foi o elemento fundamental na origem e evolução da cidade. O interesse comercial representado pela possibilidade de transações com os navios que aqui ancoravam fez da linha da praia na baía Sul a área de maior concentração de população. A construção da ponte Hercílio Luz (1926) teve um significado especial para o núcleo urbano de Florianópolis, abrindo uma nova era de construções a medida que crescia a população. Logo após a inauguração da ponte surgem diversas linhas de ônibus, sendo a mais importante a do Estreito⁴, que substituíram as antigas embarcações através das quais se fazia a travessia do canal. A facilidade de acesso, decorrente da criação destas linhas que de diversos pontos do continente circunvizinho se dirigiam à capital, resultou na procura mais freqüente por bens e serviços, além de aproximar a capital de outras regiões do estado. O porto pouco sofreu em virtude da construção da ponte Hercílio Luz, já que “a navegação continuou a percorrer a costa regularmente e a transportar as cargas que Florianópolis recebia e as remetia para outros portos” (PELUSO JR.1991, p. 331).

Até 1930, Florianópolis permanecia como a maior cidade e centro exportador do Estado. A partir da revolução de 30, a conjuntura nacional sofre grandes mudanças provocadas por alterações na estrutura econômica e política brasileira em razão da chegada ao poder de representantes de classes sociais nacionalistas e a formação de um novo pacto político que une latifundiários, ligados ao mercado interno e a burguesia industrial nascente, excluindo do poder os comerciantes de importação e exportação que constituíam até então a classe dominante (PEREIRA, 2003, p.7).

A função portuária indutora das atividades comerciais em Florianópolis, não resistiu a essa nova conjuntura econômica e social, entrando em decadência a partir de meados do século XX. Com o fechamento do porto em 1970, a cidade se consolida na condição de centro político-administrativo, prevalecendo as atividades terciárias e um crescente dinamismo relacionados à prestação de serviços.

⁴ A travessia do canal entre a ilha e o continente data dos primeiros tempos da fundação de Desterro. Até 1926, quem fazia a viagem por terra a Florianópolis encontrava, no Estreito, meios para chegar a capital.

A expansão urbana e as origens do setor Hoteleiro

Com incremento das viagens e o do comércio, surgem os primeiros meios de hospedagem que se caracterizavam como estabelecimentos de passagem, para um único pernoite, já que, em função das longas distâncias, tornava-se necessária a existência de locais para descanso. Alguns viajantes somente contavam com a hospitalidade dos habitantes da região, pela inexistência de lugares destinados especificamente ao acolhimento daqueles que chegavam à cidade.

De acordo com Pires (2001, p.127), os viajantes estrangeiros no século XIX surpreenderam –se com a hospitalidade brasileira, que somada à generosidade e à afabilidade no trato, pode ser interpretada como um traço do caráter brasileiro.

Durante as expedições pelo litoral brasileiro, em passagem pela Ilha de Santa Catarina, alguns destes viajantes estrangeiros descrevem o cotidiano, a paisagem e a hospitalidade de seus moradores na época. O francês Antoine Pernetty (1763), comenta que obtiveram do governo “permissão geral de fazer o que conviesse, seja na caça ou na pesca, e que dispuséssemos da melhor água e madeira” e também “passear por todo lugar que quiséssemos”. Integrante da mesma expedição, Bougainville, expressa a hospitalidade recebida na casa do governador com jantar e baile.

Não bastasse, Lisle também confirma a mesma acolhida recebida no palácio, onde os quartos foram oferecidos durante a estada de três semanas. Destaca ainda que foram “tratados com a maior cortesia por parte do governador e pelos principais habitantes da Ilha”. Já outro viajante, Jean- François Galaup de La Pérouse (1785), descreve a população como tendo “costumes delicados”, os habitantes “são polidos, serviçais, mas supersticiosos e ciumentos de suas mulheres”. Em 1803, em expedição pelo litoral catarinense, o russo Krusebstern, coloca que o governador “mandou um sargento para bordo de ambos os navios, o qual foi colocada inteiramente à nossa disposição; mandou fazer uma lista das provisões de que necessitávamos, e ordenou a um oficial para maior rapidez em procurá-las, a comprá-las no interior da ilha e no continente⁵”. Segundo Cabral (1979, p.249), até 1811, não havia em Desterro hotéis e nem hospedarias. Ele também aponta que o Palácio era utilizado para hospedagem e para realização de bailes, destacando, entretanto que apenas “depois da Independência, os jantares e almoços, além dos bailes, foram bem mais freqüentes. O Imperador hospedou-se no palácio em 1845, e mais tarde, outros hóspedes ilustres ali se agasalharam” (Id., p.53).

Segundo relato do viajante René Primevère Lesson, em 1822, Nossa Senhora do Desterro, não oferecia aos estrangeiros nem hotel, nem restaurantes, nem café. Como em todas as colônias

⁵ Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Organizado por Martins Afonso Palma de Haro. Florianópolis: UFSC, 1996

portuguesas encontravam-se várias tendas de revendedores, espécies de tabernas onde se dava de beber e comer, e onde a “ralé” e os negros, vinham se regalar com peixe seco e araque.⁶

Cabral (1979, p. 156) confirma a existência de tabernas freqüentadas por negros escravos, quando “um concessionário chamado José Monteiro foi advertido pela Câmara, por fazer da sua taberna alojamento para pernovernarem os escravos, destinados ao serviço da iluminação da cidade”. Eram chamadas de “taberna de molhados”, pois vendiam todo tipo de gêneros alimentícios.

Vê-se, então, que na Florianópolis da primeira metade do século XIX não havia estabelecimentos adequados para acomodação dos viajantes que chegavam à Ilha de Santa Catarina, o que pode ser comprovado pelos relatos acima os quais atestam que as personalidades ilustres eram recebidas no próprio Palácio. Quanto aos demais, restava como abrigo a própria embarcação ou dependiam do acolhimento dos moradores locais.

É na região do porto e do largo do palácio, área em que se concentrava o comércio varejista, que surgem os primeiros estabelecimentos hoteleiros a partir de meados do século XIX, conforme apontam o historiador Osvaldo Cabral (1979) e os jornais de época. Entre as primeiras iniciativas do período estão: o Hotel do Commercio (1850); o Hotel Brasil (1856); o Hotel Café (1856); o Hotel da Praça (1857); o Hotel do Vapor (1857); o Hotel Universo (1859); o Hotel dos Paquetes (1864); o Hotel Papini (1871); o Hotel Trajano (1876); o Grande Hotel (1884).

Os hotéis do século XIX tinham características estruturais diferenciadas dos estabelecimentos hoteleiros da atualidade. Em alguns deles funcionava no piso térreo uma espécie de armazém onde também podia-se encontrar uma diversidade de produtos alimentícios, produtos homeopáticos, bebidas, cigarros, café, velas de carnaúba, papel, além de outros objetos colocados à venda. Caracterizados como edificações com partido arquitetônico horizontal, no primeiro piso funcionava, portanto, um comércio de secos e molhados e no segundo dormitórios para hospedagem que não possuíam, entretanto banheiros privativos. A maioria dos estabelecimentos fornecia refeição completa: café, almoço e jantar. O público freqüentador destes primeiros hotéis era dos mais variados: artistas, políticos e viajantes.

Os serviços existentes na hotelaria do século XIX atendiam também a eventos sociais, com destaque para o hotel do Vapor que era conhecido pela sua diversidade gastronômica e pelo jogo, razão pela qual tornou-se o principal ponto de encontro da sociedade desterrense na época.

Assim como a cidade, o setor hoteleiro no início do século XX, começava apresentar os primeiros ares de modernidade, estimulado pela construção da ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926

⁶ Lesson era naturalista e integrava a expedição que aportou em Santa Catarina em 1822. Cf. HARO, M. A. P. de. (Org) **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: EDUFSC, 1996

que permitiu a fluidez do transporte rodoviário facilitando a chegada à ilha de novos produtos e pessoas advindos de outros estados. No início do século XX, mais precisamente em 1932 começou a funcionar o Hotel La Porta com quatro andares, o primeiro hotel com elevador de Santa Catarina. O proprietário, Sr. Ângelo M. La Porta, era concessionário e diretor da loteria de Santa Catarina, tendo adquirido o prédio onde estivera originalmente instalada a firma de Sr. André Wendhausen, no qual fez as adaptações necessárias para instalar 180 apartamentos. Ao ser desativado o Hotel La Porta, o prédio foi reestruturado para abrigar a agência Miramar da Caixa Econômica Federal. Em 1990, foi demolido, ocasião em que pela primeira vez foi utilizado o método de implosão em Florianópolis (VEIGA, 1993, p. 212).

Segundo Peluso Jr (1991, p. 318), a população de Florianópolis em 1900 era de 13.474 indivíduos e já atingira, em 1940, os 25.014 habitantes, aumento populacional que exigiu a ampliação do número de habitações. Em 1950, a cidade já com 48.264 habitantes, tinha um aspecto agradável, com praças e ruas arborizadas. Paralelamente infra-estruturas e serviços foram sendo implantados, tais como o de telefonia, de água encanada, de luz elétrica, de esgoto sanitário, bem como linhas de bonde e novas opções de moradia e de lazer (VEIGA, 1993, p. 149).

A partir de meados do século XX, o papel desempenhado pelo Estado tanto na esfera federal como na estadual foi decisivo para incrementar o desenvolvimento urbano de Florianópolis. Foram criadas empresas estatais que alavancaram o crescimento populacional e promoveram a expansão da mancha urbana, entre elas as CELESC, a TELESC, além da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. A construção da BR101, inaugurada em 1971, contribuiu para intensificação do crescimento urbano de Florianópolis ao facilitar a comunicação e o acesso aos diversos pontos do território catarinense e destes com a capital. A crescente classe média ganhou representatividade, loteando novos bairros residenciais. A ação do poder público estadual e federal transformou o perfil das atividades administrativas dinamizando serviços e contribuindo para implantação de novos através de investimentos que, reforçaram o setor terciário superior. É neste contexto que surge o Banco de Desenvolvimento do Estado (BESC), o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul – BRDE e, em 1970, dá-se a transferência da sede da ELETROSUL do Rio de Janeiro para Florianópolis.

Nesse momento, Florianópolis passa a atrair um contingente maior de pessoas, estudantes, professores e empresários, estimulados pela criação e pela atuação de grandes empresas estatais estaduais e federais. Foi a partir desse período, que efetivamente ocorreram as grandes transformações na configuração urbana de Florianópolis com o adensamento do centro e a expansão de sua periferia de forma tentacular. Por outro lado, as modificações provocadas na cidade devido à intervenção estatal, gerou uma demanda por trabalhadores qualificados, que se refletiu, num aumento populacional

significativo em relação ao contingente de habitantes naturais. Em consequência forma-se um novo mercado consumidor que fomentou o desenvolvimento da construção civil, ao mesmo tempo em que a ampliação do sistema rodoviário e a melhoria dos meios de transporte fomenta o desenvolvimento turístico a partir de 1970.

Expansão da atividade turística e a evolução do setor hoteleiro

As primeiras manifestações de entretenimento e lazer em Florianópolis posteriormente associadas ao turismo vêm através do banho de mar, primeiramente como uma atividade desportiva realizada próxima à área central e, posteriormente, com as segundas residências de florianopolitanos, localizadas na parte interior balneária da ilha (FERREIRA, 1998). Surgem assim as primeiras infra-estruturas turísticas, que dão início ao processo de urbanização dessas áreas, consideradas privilegiadas pelas elites locais, posteriormente exploradas pelo turismo de massa. Nas décadas de 1950 e 1960, os moradores da região central da cidade, freqüentavam as praias do continente: a praia do Balneário, localizada no bairro do Estreito; as praias da Saudade, Bom Abrigo, Praia do Meio e Itaguaçu localizadas no bairro de Coqueiros. Inicialmente estes espaços eram utilizados pelos habitantes locais para lazer, porém com o passar do tempo, esses locais se urbanizaram, tornando-se áreas de residências permanentes e o mar impróprio para banho.

Nesta época a rede hoteleira localizada na área central ainda era bastante incipiente. Dentre os empreendimentos hoteleiros existentes na cidade no período de 1940 à 1960, destacam-se: Hotel Metropol (1940); Hotel Central (1948, gestão da família Pessi e, posteriormente, em 1965, foi adquirido por Eduardo Rosa passando a se chamar Mário Hotel); Lux Hotel (1950); Hotel Majestic (1927, gestão inicial da família Daux, em 1940 da família Pessi, foi adquirido pela família Cordioli em 1960); Hotel Querência (1958); Hotel Royal (1960); Oscar Hotel (1960); City Hotel (1968); Hotel Cruzeiro (1968).

Os hóspedes, neste período são, de alguma forma ligados ao governo, ou seja, políticos provenientes do interior do estado e executivos e engenheiros ligados às empreiteiras. A hotelaria também atendia aos professores, estudantes e funcionários da Universidade Federal de Santa Catarina em determinados períodos, além de representantes comerciais que vinham constantemente à cidade. Os principais mercados emissores eram o interior do próprio estado de Santa Catarina e os vizinhos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná.

Até início dos anos de 1970, em razão da distância do núcleo central e das deficiências do sistema viário, as áreas balneárias compostas por comunidades pesqueiras e rurais se mantinham sem grandes alterações, prevalecendo às casas de veraneio, cuja propriedade pertencia à elite

florianopolitana. A cultura urbana do lazer e da busca por balneários, aliada à melhoria do acesso com a construção da SC 401, desencadeou o processo de crescimento urbano para a parte norte da ilha em função da intensificação dos fluxos turísticos.

Em decorrência do incremento estatal (1970) e da atividade turística (1980), a cidade passou a ter um crescimento populacional mais acelerado, tal como se observa no quadro abaixo.

Ano	1970	1980	1991	2000	2004*
Nº de habitantes	138.337	187.871	254.941	341.781	369.102

Quadro 1: Evolução da população de Florianópolis

* População estimada

Fonte: IBGE – Censos demográficos

O crescimento populacional é acompanhado pela expansão dos fluxos turísticos, sendo que o aumento de pessoas provenientes de outras regiões de Santa Catarina, bem como de outros estados e até mesmo de países do extremo Sul, como Argentina, Paraguai e Uruguai, favoreceu a ampliação da oferta de equipamentos e serviços turísticos, tais como, meios de hospedagem, alimentação, agenciamento, transporte turístico, locação de veículos, entretenimentos e comércio turístico. Outro elemento de destaque no que se refere ao incremento da atividade turística foi a inauguração do aeroporto Hercílio Luz, em 1976, e, posteriormente, a sua ampliação, em 1988, para receber aviões de grande porte. Os dados do quadro abaixo comprovam o crescimento numérico dos turistas que visitam Florianópolis no período da alta temporada (janeiro e fevereiro), conforme a pesquisa de demanda da SANTUR⁷.

Ano	1986	1990	1998	2000	2004	2005
Nº de turistas Nacionais	131.790	243.820	272.643	335.132	492.114	453.516
Nº de turistas Estrangeiros	67.710	58.837	85.815	171.109	89.328	120.582
Total	199.500	302.657	358.458	506.241	581.442	574.098

Quadro2: Expansão do turismo em Florianópolis

Fonte: SANTUR

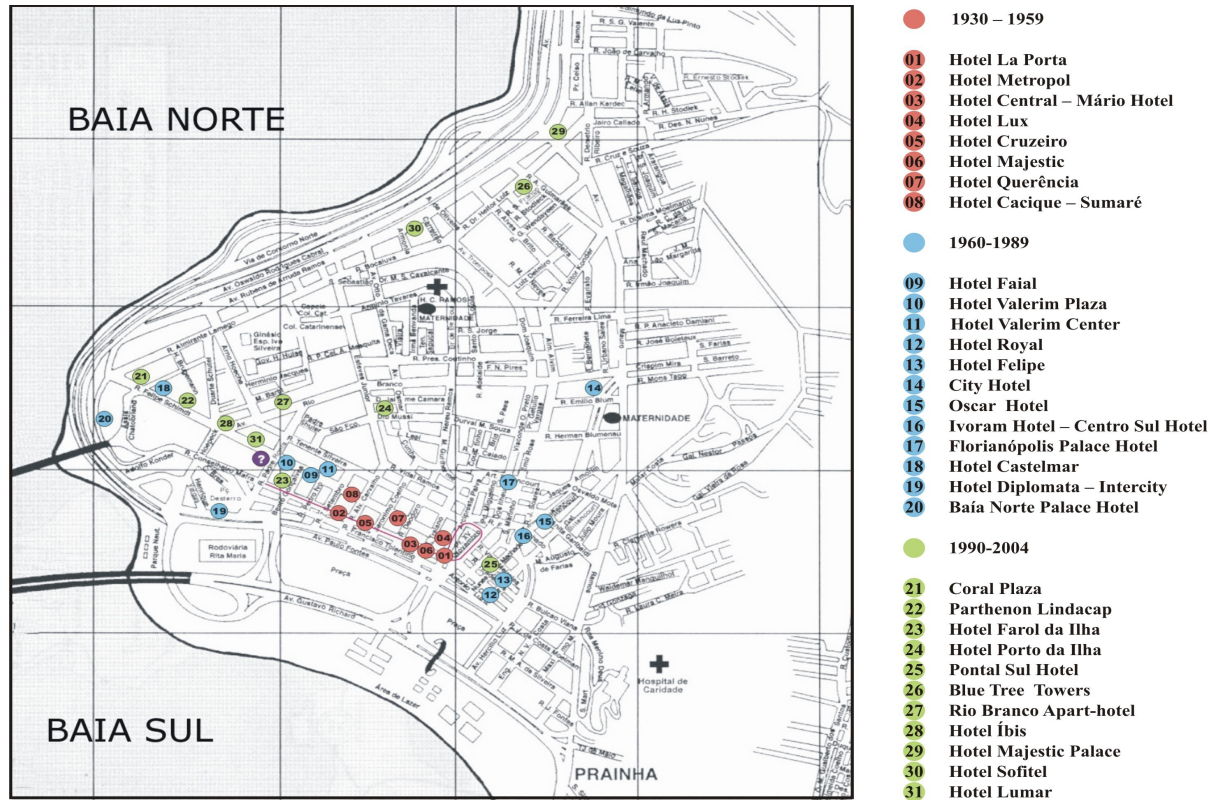
A década de 1980, foi marcada pela expansão da atividade turística na ilha de Santa Catarina, marcada pela presença de consumidores turísticos provenientes dos países vizinhos (Argentina, Paraguai e Uruguai), motivados pela atratividade paisagística local, e também pelas vantagens

⁷ SANTUR – Órgão oficial de turismo do estado de Santa Catarina. Os dados demonstram somente uma realidade de alta temporada, janeiro e fevereiro, períodos que apresentam uma intensificação dos fluxos turísticos na Ilha de Santa Catarina.

monetárias decorrentes da política cambial. Tem origem neste período, construção da rede hoteleira dos balneários situados no norte da ilha, assim como uma nova hotelaria no centro.

O mapa a seguir demonstra a evolução hoteleira no núcleo central de Florianópolis a partir da década de 1930.

Mapeamento da Hotelaria localizada no núcleo urbano central:



É interessante observar que dentre os hotéis instalados no período de 1930 a 1959, permanecem em atividade apenas o Hotel Cruzeiro, localizado na rua Conselheiro Mafra e o Hotel Sumaré, situado à rua Felipe Schmidt. Outro registro importante quanto aos hotéis deste período diz respeito a sua concentração numa área específica do centro da cidade. Já os hotéis inaugurados de 1960 a 1989 indicavam a tendência de verticalização acompanhando o novo padrão arquitetônico das construções do centro da cidade, ao mesmo tempo em que introduziam melhorias físicas e de serviços, como

dormitórios com banheiro privativo e serviços completos de hotelaria. Nos anos de 1990 percebe-se a entrada bandeiras de hotéis integrantes de redes hoteleiras nacionais e internacionais, como a rede Blue Tree (Blue Tree Towers), a rede InterCity (InterCity Premium) e a rede Accor (Parthenon; Íbis). Os hotéis originários da década de 60, não suportaram a competitividade de uma hotelaria mais moderna com inovações tecnológicas, perderam espaço no mercado deixando de funcionar como estabelecimentos para hospedagem, passando a investir em outro segmento como comércio em geral. Muitos deles transformaram as suas instalações para implantação de centros comerciais.

Na década 1990, em razão da nova conjuntura turística, surge em Florianópolis uma hotelaria voltada para o turismo de negócios e eventos. Embora a entrada das redes hoteleiras no Brasil tenha ocorrido já na década de 1970, é apenas em 1995 que chega a Florianópolis a primeira rede hoteleira, no caso a bandeira Parthenon pertencente ao grupo Accor . Até esse período a hotelaria era eminentemente de gestão familiar, onde o proprietário participava ativamente da administração e na operação do hotel. Nesta mesma década, alguns hotéis localizados na região central adaptaram as suas estruturas para atender a pequenos eventos. Somente em 1998 surge o primeiro centro de eventos localizado na área central, passando a cidade a ser reconhecida como um destino para realização de convenções e feiras de negócios, fato que pode ser comprovado através dos dados constantes no quadro abaixo.

Ano	1998*	1999	200	2001	2002	2003
Nº	26	73	122	177	150	136
Público	59.600	165.133	248.750	419.515	513.900	451.258

Quadro 3: Balanço do número de eventos/ público do Centro de Eventos de Florianópolis

* Centro Sul foi inaugurado em junho de 1998

Fonte: Assessoria de imprensa do Centro de Convenções de Florianópolis

Se até 1990 o turismo em Florianópolis foi canalizado para as praias, a partir de 1998, o mercado turístico da região modificou-se em consequência da intensificação dos fluxos turísticos destinados à realização de negócios e à participação em eventos. Esta nova realidade ampliou a ocupação dos hotéis do centro, bem como a sua abrangência, considerando-se que a atividade turística vigente até então além de sazonal concentrava-se nos balneários.

O setor hoteleiro passa, pois, por modificações importantes, as quais acompanham as transformações da cidade. Tal fato pode ser comprovado através da análise do quadro abaixo, o qual demonstra os hotéis em funcionamento no centro de Florianópolis, permitindo observar que de 1990 a 2004 foram inaugurados onze empreendimentos hoteleiros na cidade.

HOTEL	INAUGURAÇÃO	PROPRIETÁRIOS ATUAIS	ADMINISTRAÇÃO ATUAL
Oscar	1960	Nelson Cardoso Nicolau Cardoso Neto	Independente
Cruzeiro	1968	Arlinda Nienkötter Haheerth	Independente
City Hotel	1968	Gentil Cordioli	Independente
Centro Sul	1972	CSH Hotelaria e Turismo Ltda Cristiane Santos Piccoli	Independente
Florianópolis Palace Hotel	1975	José de Oliveira	Rede Regional -Sagres
Faial	1979	Cleusa S. Silva Roberta S. Silva	Independente
Valerim Center	1979	José Valerim Junior Soraya S. Valerim Suzane S. Valerim	Independente
Castelmar	1985	CHT Prestadora de Serviços S/C Ltda Renato Nunes Ghizoni José Carlos Chaussard Neto	Independente – Participação na administração: Rede Bristol - Nacional
Baía Norte Palace Hotel	1985	Carmen Peters	Independente
Valerim Plaza	1985	José Valerim Junior Soraya S. Valerim Suzane S. Valerim	Independente
Rio Branco Apart Hotel	1990	Antônio César Chede	Independente
Pontal Sul	1992	Juliana M. de Sousa Santos Gabriel Antunes de Sousa Santos	Independente
Farol da Ilha	1992	Cleusa S. Silva Roberta S. Silva	Independente
Coral Plaza	1993	Monteclaro Empreendimentos Turísticos Aurelio Paladín Mário Kenji	Independente
Sumaré	1994	José Valerim	Independente
Parthenon Lindacap	1995	Condomínio com 54 investidores	Administradora - Rede Accor - Internacional
Porto da Ilha	1998	João Vicente Gomes	Independente
Blue Tree Towers	2000	Monteclaro Empreendimentos Turísticos Ltda Mário Kenji Aurélio Paladini	Administradora - Rede Blue Tree - Nacional
Hotel Lumar	2001	Sálvio Sistarol	Independente
Intercity	2002	Alexandre Gehlen	Adm: Rede Intercity - Nacional
Hotel Ibis	2003	Monteclaro Empreendimentos Turísticos Ltda Aurélio Paladini Mário Kenji	Administradora: Rede Accor - Internacional
Majestic Palace Hotel	2004	Ronaldo Daux e RCD Construtora	Independente
Cecomtur Executive Hotel	2005	Criseiúma Construções Ltda	Independente

Quadro 4: Os hotéis em funcionamento no núcleo central de Florianópolis

Fonte: Elaborado pela autora (2005).

Considerações finais

As reflexões aqui apresentadas representam os resultados preliminares de uma investigação que busca explicar o desenvolvimento da hotelaria no núcleo central de Florianópolis. Para tanto foi necessário analisar as origens da cidade e as transformações decorrentes do crescimento urbano e da expansão turística nas últimas décadas.

O espaço urbano central de Florianópolis foi analisado brevemente através do processo histórico, pois toda a realidade precisa ser definida espacial e temporalmente. Assim, para estudar a sua configuração atual foi preciso analisar as origens de sua organização urbana e as alterações decorrentes da dinâmica da sociedade em cada período histórico, cujos reflexos se materializam no espaço, já que as relações sociais vigentes se encarregam de ir moldar o traçado urbano da cidade e suas principais funções.

Florianópolis teve seu destino marcado por uma localização geográfica singular e pelas funções portuária e administrativa (capital da antiga Província de Santa Catarina), cujos reflexos podem ainda hoje ser observados no seu traçado urbano. A partir de meados do século XX, a capital do Estado de Santa Catarina passa ter o seu desenvolvimento incrementado por iniciativas estatais que alteram as relações sócio-econômicas vigentes, consolidando-a como um centro prestador de serviços.

Os primeiros estabelecimentos hoteleiros da cidade datam o século XIX e estavam localizados na região do porto e no largo do palácio. Possuíam características distintas das existentes hoje. Muitos hotéis exerciam não apenas a função de hospedagem, como também a função de comércio varejista, disponibilizando uma gama de produtos para o consumo da população local.

A rede hoteleira localizada na área central era ainda bastante incipiente no século XX até 1960. Dos hotéis instalados entre 1930 e 1959, dois deles permanecem em atividade: o Hotel Cruzeiro e o Hotel Sumaré. A partir de 1970, ao crescimento populacional da cidade soma-se a expansão dos fluxos turísticos, que estimulam os investimentos na atividade hoteleira e na área da prestação de serviços. A partir da década de 1990, ao lado dos empreendimentos familiares começam a se instalar os primeiros hotéis vinculados a redes nacionais (Blue Tree e InterCiy) e internacionais (Accor). Sobretudo nos últimos anos a rede hoteleira florianopolitana passou atender também ao público crescente relacionado não apenas ao turismo sazonal mas, ao desenvolvimento do turismo de eventos e negócios.

Referências

- BASTOS, J. M. Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira na Ilha de Santa Catarina. In: LINS, H.; MESSIAS, J.; CHEREM, R.; SANTOS, M. (Orgs). **Ensaio sobre a Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- CABRAL, O. R. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: UFSC, 1979.
- FERREIRA, S. L. **O Banho de mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Das águas, 1998.
- HÜBNER, L. M. **O comércio da cidade do Desterro no século XIX**. Florianópolis: UFSC, 1981.
- HARO, A. P. **Ilha de Santa Catarina: relato dos viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: UFSC, 1996.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 7 jun 2004.
- MAMIGONIAN, A. As conquistas portuguesas e a incorporação do litoral de Santa Catarina. In: ANDRADE, M. C. D; FERNANDES, E. M. P; CAVALCANTI, S.M. (Orgs). **O Mundo que o Português Criou: Brasil: século XVI**. Recife: CNPq / Fjn, 1998.
- _____. Habitat urbano e rural nas diferentes zonas do Estado. In: **Atlas Geográfico: Santa Catarina**. Florianópolis: IBGE/ CNG – DEGC, 1959.
- PELUSO JR., V.A. **Estudos de geografia urbana de Santa Catarina** Florianópolis: EDUFSC / FCC, 1991.
- PEREIRA, R. M^a.F. Formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina (Brasil): gênese e transformações recentes. In: **Revista GEOSUL**, Florianópolis: UFSC, 2003.
- PIRES, M. J. **Raízes do turismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2001.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1998.
- SCHMEIL, L. **Alquila-se una Isla: turistas argentinos em Florianópolis**. 1994. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.
- VAZ, N. P. **O centro histórico de Florianópolis: espaço público do ritual**. Florianópolis: UFSC, 1991.
- VEIGA, E. **Florianópolis: memória urbana**. Florianópolis: UFSC, 1993.